DOI | 10.21680/2446-5674.2026v13n25ID41506

Equatorial

v.13 n.25 | jul./dez. 2026
ISSN: 2446-5674

ENSAIO VISUAL



# Turiaçu: Saberes e Viveres Afro-Indígenas na Amazônia Maranhense

Turiaçu: Afro-Indigenous Knowledge and Lives in the Maranhão Amazon

Turiaçu: conocimientos y vidas afroindígenas en la Amazonía de Maranhão

Lorena Veras Mendes
Doutoranda em Antropologia (UFPB)
veraslorena46@gmail.com– https://orcid.org/0009-0008-3320-0363

## Apresentação

Este conjunto de imagens foi captado durante um trabalho de campo, realizado entre 2019-2022, para a dissertação de mestrado, em uma comunidade quilombola, localizada em Pedro do Rosário, na Baixada Ocidental Maranhense, Imbiral Cabeça Branca[1]. A comunidade, formada por povos que se reconhecem enquanto duas nações[2], quilombola e indígena – mas politicamente se autoidentificam como quilombo – é composta por descendentes do antigo *Quilombo São Benedito do Céu*, formado por quilombolas que iniciaram uma Insurreição em Viana, datada em 1867 (Araújo, 2014)[3], e está vinculada ao antigo aldeamento indígena *Cabeça Branca*, habitado por Gamelas e Ka'apor (Varga, 2019).

Nesse contexto histórico do antigo aldeamento *Cabeça Branca* e do *Quilombo São Benedito do Céu*, quilombolas e indígenas estabeleceram alianças políticas e matrimoniais, dando origem à atual comunidade quilombola Imbiral Cabeça Branca. A minha inserção em campo como pesquisadora objetivava-se a investigar as retomadas territoriais por meio da educação quilombola específica, chamada de educação *territoriada*,[4] com o Tambor de Mina – uma religião afro-maranhense – era tida como eixo central das retomadas de pessoas, corpo e território. Mas, nesse caso do ensaio visual, as fotografias documentam cenas do dia a dia da comunidade, capturando momentos das práticas cotidianas que refletem suas atividades no território.

Entre as imagens, destacam-se registros de pescadores, canoeiros no rio Turiaçu, pajé, crianças, jovens durante a matança do porco para o preparo de alimentos comunitários, do processo de limpeza e tratamento dos peixes e das atividades diárias que garantem a subsistência da comunidade, fortalecendo as *dadivas das dadivas* (Mauss, 2017), como a casa de forno e *farinhada* – reunião de pessoas na produção de farinha de mandioca –, diante do que a terra nos oferece (Bispo, 2023). A figura do pajé, líder espiritual da comunidade, demostra a relação entre conhecimentos territoriais, narrativas etno-

[1]É fundamental enfatizar que a comunidade se autodenomina e se constitui historicamente como "Imbiral" – forma amplamente utilizada em pesquisas realizadas na comunidade -inclusive a minha dissertação - e utilizada em suas manifestações culturais, em notas jornalísticas e no seu próprio uso oficial interno. Entranto, é possivel que essa grafia mude e autodemonine daqui uns anos como "Embiral", como consta no relatório antropológico que atualmente tramita no Incra-MA.

[2] Na Baixada Ocidental Maranhense, região com uma das maiores concentrações de comunidades quilombolas do Estado, os interlocutores utilizavam frequentemente a categoria "nação" para expressar seus pertencimentos étnicos.

[3] Na obra da historiadora Maranhense Mundinha Araújo (2014) "Insurreição de Escravos em Viana – 1867", apronfuda os aspectos históricos dos insurrentos de *São Benedito do Céu* em 1867, localizado "nas cabeceiras do Bonito, braço do rio Turi" (p.41), localidade que encontra-se ao atual território Embiral Cabeça Branca.

[4] Refere-se ao modelo da educação específica da comunidade local, entendendo que a interconexão entre corpo, território e ancestralidade é o fundamento do processo de retomada territorial, e identidade de grupo quilombola.

históricas e memórias, especialmente entre as *encanturias* que remetem aos encantados guardiões do território.

O registro dessas práticas dialoga com tempos diversos: uns eventos foram observados em 2019, outros em 2021 e 2022, refletindo o tempo da comunidade, o olhar da pesquisa e a consistência sociocultural das práticas e modos de vida, mostrando como rituais, saberes e relações, nesse caso específico, se mantêm ao longo do tempo. As escolhas das imagens, no entanto, não se limitam a uma cronologia linear do tempo, pois o intuito é articular sentidos, as relações e continuidades culturais que atravessam diferentes momentos, e ensinam suas formas relacionais com o ambiente.

A metodologia utilizada combina observação participante e registro fotográfico, permitindo captar os eventos em que essas práticas se inserem. Esses registros que desenvolvi estendeu-se para além dos aspectos apenas documental, pois foi sendo bastante moldado pelo vínculo que fomos construindo e estabelecido ao longo dos anos. Assim, o uso da "educação da atenção" nos moldes de Tim Ingold (2010) orienta para não se limitar a observação no sentido clássico, mas aprender a ver e sentir junto. Nesse sentido, Silva (2023) evoca a fotografia e a antropologia visual como um processo de "pensar junto".

> A fotografia, como um objeto relacional e metodológico, deve ser vista tal qual o próprio pesquisador em campo, evocando sentidos, significados e fazendo mundos. O "pensar junto" se revela em sua literalidade, e, por isso, é preciso que pensemos juntos aos nossos interlocutores, que perguntemos, que entendamos suas questões e que não fiquemos acanhados por não saber das coisas (Silva, 2023, p. 12).

Nesse sentido, ouso compor uma sequência fotográfica que transparece os viveres amazônicos do ocidente maranhense. Em todos os momentos, a convite das lideranças locais, sempre com uma câmera na mão, na busca por compreender seus vínculos com o território e seus modos de vida – um território sob ameaça constante de fazendeiros invasores, com tratores provocando o desmatamento. Assim, nesse contexto, as imagens buscam transcender a função ilustrativa e opera como um instrumento de contra-narrativa, afirmando a existência e o valor destas práticas diárias da comunidade, perante um mundo que as ignora ou as pressiona ao desaparecimento.



1. Fumaça

Dois jovens observando a distância a matança do porco. Os sons da mata e o cheiro da fumaça para tratar o alimento que se mistura ao sangue recente. A paisagem amazônica compõe o fundo vivo entre, atividades diárias e convivências. Foto: Autora (2019).



2. A matança (animal abatido)

O sangue e a água quente, nas mãos dos jovens que cuidam do alimento.
coletiva. Foto: Autora (2019).



3. Rede nas mãos

Pescador prepara o corpo para lançar a rede no rio Turiaçu. Foto: Autora (2022)



4. A remada

Remando em silêncio no diálogo com as águas na busca dos peixes. Foto: Autora (2022)



5. O Pajé Luís Teixeira

Sobre o rio Turiaçu, o pajé narra o Cabeça Branca (guardião do rio) que emerge como uma das presenças encantadas. Foto: Autora (2019).



6. Peixes

Recém-pescados estão sendo tratados sobre uma tábua improvisada de madeira. Foto: Autora (2021)



7. Infantes

Infâncias que fluem junto às águas do Turiaçu. Foto: Autora (2022)



8. Farinhada

Casa de farinha/ e de forno, espaço comunitário, ambientado com uma das fragrâncias mais marcantes da região nos meses de julho a setembro: o cheiro da farinha de mandioca sendo torrada. Foto: Autora (2022).

## Referências

ARAUJO, Mundinha. *Insurreição de Escravos em Viana* – 1867. 3ª Edição – São Luis, 2014.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6775. Acesso em: 28 nov. 2025.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. Ubu editora, 2017.

SILVA, Hugo Weslley Oliveira. Como pensar a fotografia engajada na pesquisa em Antropologia? Cartema, Recife, v. 12, n. 12, e258774, dez. 2023. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9294846. Acesso em: 28 nov. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. Ubu editora/PISEGRAMA, 2023.

VARGA, I. van Deursen. A Cabeça Branca da Hidra e seus pântanos: subsídios para novas pesquisas sobre comunidades indígenas, quilombolas e camponesas na Amazônia maranhense. *Revista de História*, 38(2), 1-22, 2019.

Recebido em 18 de setembro de 2025

Aceito em 19 de agosto de 2026